



Rezar os Salmos

Luciano Manicardi

Caderno 18

Curso promovido pela Fundação Betânia

23. 24 Outubro 2010



REZAR OS SALMOS

Luciano Manicardi

Notas de leitura sobre o curso
promovido pela Fundação Betânia
e realizado no Convento dos Dominicanos
Lisboa – 23 e 24 de Outubro 2010

Redacção de Manuela Silva e Maria do Céu Tostão.

Rezar os Salmos*

- Luciano Manicardi**

Os Salmos são, simultaneamente, oração e escola de oração. Contam a vida de um povo, num contexto de louvor e de esperança permanentes, mesmo no meio das maiores dificuldades. Veja-se, por exemplo, o Salmo 88 em que o salmista grita a Deus o seu desespero, mas sem deixar de esperar que Deus venha em sua ajuda. O mesmo sucede com o Salmo 42-43.

O Saltério é um conjunto de 150 textos onde encontramos diferentes géneros literários. Os Salmos são oração e simultaneamente poesia e canções, textos concebidos para serem musicados e acompanhados por um instrumento de cordas.

1. Por que razão, ainda hoje, rezamos os Salmos?

Primeira razão

Jesus rezou os Salmos e com eles aprendeu a conhecer Deus.

O ensinamento de Jesus Cristo também retoma os temas do Saltério. Por exemplo, na oração que Jesus ensinou aos discípulos a pedido destes, o Pai-nosso, encontramos ecos dos Salmos.

No Novo Testamento, os autores baseiam-se nos Salmos para construir a cristologia: nascimento, vida, morte e ressurreição. Alguns Salmos, em particular 2, 16, 22, 31 e 110, são fundamentais para a cristologia do Novo Testamento. Há, mesmo, passagens do Novo Testamento que não se entendem sem uma referência a alguns Salmos.

* Notas de leitura sobre o curso promovido pela Fundação Betânia e realizado no Convento dos Dominicanos em Lisboa, em 23-24 de Outubro 2010. Redacção de Manuela Silva e Maria do Céu Tostão.

** Luciano Manicardi é subprior do Mosteiro de Bose

Os Salmos são uma oração irrenunciável da Igreja, porque as primeiras comunidades cristãs os rezaram, estabelecendo um fio condutor entre as várias gerações – uma unidade diacrónica. Os Salmos testemunham o enraizamento do cristianismo em Israel. São a oração ecuménica, por excelência. São o grito do ser humano e não apenas dos crentes.

André Chouraqui diz: *“Nascemos com este livro nas vísceras, um livrinho de 150 poemas, 150 itinerários entre a vida e a morte, 150 aspectos da nossa agonia e ressurreição. Mais do que um livro, o Saltério é uma pessoa que grita, por séculos sem fim. Não é apenas um livro mas um organismo vivo que pode vivificar a nossa vida.”* Assim sendo, o Saltério ajuda-nos a aprofundar a nossa oração pessoal e comunitária.

Segunda razão

Os Salmos ensinam-nos a rezar. Dizemo-los e ouvimo-los. São uma oração de que nos apropriamos. Não são uma oração espontânea. Temos de sintonizar a voz e a atenção.

Trata-se de escutar uma palavra, que nos chega de fora; fazemo-la ressoar em nós e reenviamo-la para Deus.

Fazem parte da Bíblia, é palavra que vem de Deus, ressoa em nós, dirigimo-la a Deus e retorna à Bíblia. (Isaías 55, 10-11).

É palavra de Deus para o ser humano e que torna presente um Deus que cria relação, o Deus da Aliança. (Isaías, 55).

O Apocalipse é uma liturgia de louvor a Deus. A palavra cumpre-se na oração – tem uma dimensão teândrica.

A resposta humana à palavra de Deus faz parte da mesma palavra de Deus.

Quando hoje rezamos os Salmos, o verdadeiro orante é Jesus Cristo e se dizemos os Salmos na primeira pessoa é porque somos transfigurados em Cristo. São Gregório Magno dizia que a Salmodia abre, no nosso coração, uma via para o Senhor.

Terceira razão

Os Salmos nascem da Vida.

O que surpreende nos Salmos é que eles nascem da vida e neles perpassam a dor, a angústia, a doença, o sofrimento, ... Invocamos Deus, mesmo na doença; tentamos integrar na nossa vida a dor, o sofrimento, etc., e tudo colocar diante de Deus.

Vejam-se os exemplos:

Sl 3 – o injustiçado;

Sl 6 – o doente;

Sl 102 - a tragédia, a depressão, a angústia;

Sl 71 – a velhice;

Sl 120 – o exilado.

No Sl 6, Deus anima o deprimido que está asfixiado pelo sofrimento. No Sl 71, encontramos a oração de um ancião que vê aproximar-se o fim da sua vida, dá graças pelo seu passado e diz sim ao futuro. Também é bom exemplo o Sl 120, a oração de um homem exilado. No Salmo 30, o salmista agradece a cura, agradece a Deus que o liberta e lhe cria espaço, onde já não havia esperança. Em outros Salmos, prevalecem os sentimentos de alegria, como no Sl 127 e no Sl 128.

Noutros casos, ainda, o salmista manifesta a sua admiração e espanto diante da Criação: *os céus e a terra anunciam a tua glória* (Sl 19). Neste Salmo, o salmista contempla a natureza e comunga dela; é uma liturgia cósmica que brota da natureza e conduz a Deus, como na Eucaristia. É uma linguagem de louvor pela criação, uma oração que surge da Criação.

Quarta razão

Os Salmos ajudam-nos também a pensar a nossa vida pessoal, eclesial ou comunitária. Ensinam-nos a reflectir a nossa história diante de Deus e a iluminá-la com a sua Palavra; ensinam-nos a viver em obediência a Deus.

Na medida em que assimilamos o espírito dos Salmos, estamos a construir a nossa própria oração.

A este propósito, é muito curioso o Salmo 136, que é um hino a Deus, louvando-o pelo seu Amor, que se manifesta em múltiplas situações e que o salmista refere de 22 maneiras diferentes, terminando com uma síntese: *Ele dá alimento a todo o ser vivente* (Sl 136, 25).

De notar que 22 é o número de letras do alfabeto hebraico; com elas tudo se pode escrever. É um convite a que, na actualidade, continuemos a encontrar e nomear os nossos motivos de louvor.

Nos Salmos encontramos muitas formas de oração e linguagens diversas, o que não admira, pois toda a situação existencial do ser humano está reflectida neles. Vejam-se alguns exemplos:

- meditação (Sl 4). Trata-se da repetição, em voz baixa, do murmúrio, da reflexão sobre si próprio na solidão, no exame do coração;
- lamentação (Sl 5,2 ou Sl 6,7);
- grito (Sl 69,4). É expressão de muita liberdade do salmista na sua relação com Deus; pede-se-lhe contas porque se sabe que Ele está;
- confiança e abandono (Sl 31);
- admiração (Sl 8, ...);
- silêncio (raramente) (Sl 65,2);
- protesto, acusação e invectivas (Salmos ditos imprecatórios).

2. Composição e versões do Saltério

O Saltério, tal como o conhecemos hoje, mas cuja versão original foi escrita em hebraico, é uma compilação de orações das antigas comunidades judaicas que passou para as primeiras comunidades cristãs.

A versão chamada *Bíblia dos Setenta* é uma tradução para o grego, que foi difundida no Ocidente e serve de referência quando se trata de comparar citações do Novo Testamento.

As sucessivas traduções do Saltério alteraram o texto original. Por exemplo, no texto original em hebraico, a expressão *para Ti o silêncio é louvor* foi traduzida, na Bíblia dos Setenta, assim: *para Ti se dirige o louvor ó Deus, em Sião*, ou seja, fazendo substituir a palavra *silêncio* pela palavra *Sião*.

Outro problema é o da numeração do Saltério. A numeração grega é a que ainda hoje se usa. Assim, o Salmo hebraico 9 é o 10 na versão grega e latina.

Durante quase dois mil anos, Oriente e Ocidente rezaram pelo mesmo Saltério; no Oriente, pela Bíblia dos Setenta e no ocidente pela Vulgata. Só depois do Concílio Vaticano II, na Igreja Católica, se voltou à versão hebraica.

Importa ainda considerar os subtítulos dos Salmos, que são anotações estranhas aos Salmos, grafadas em caracteres diferentes, sobre o autor, o contexto, etc.

Há também anotações musicais ou litúrgicas, como nos Salmos 78 e 88, onde aparece a palavra *Maskil* que não se sabe exactamente o que quer dizer.

3. A linguagem simbólica e a poética dos Salmos

Não podemos esquecer que os Salmos são linguagem poética e não é fácil ler poesia fora do contexto. Portanto, para bem interpretar os Salmos, devemos ter em conta as seguintes regras da poesia hebraica:

a) – Acentuação

A língua hebraica é acentuada ou seja cada palavra tem acento tónico, o que permite diferentes combinações de acentuação. A recitação implica musicalidade com diversas combinações de acentos. Veja-se, por exemplo, o ritmo sincopado do Salmo 42, que é um Salmo de lamentação cujo ritmo dos acentos (3 - - - 2 - -), permite simular o ritmo sincopado de quem fala soluçando com a voz embargada.

Já o Salmo 68, que assinala a vitória de Israel, tem um compasso mais robusto (4 - - - - 4- - - -), em sintonia com o texto, que fala de triunfo. Ainda no mesmo Salmo, no versículo 4, o som dominante é ssss para significar o som sibilante das trombetas que anunciam o triunfo de Israel.

b) – Paralelismo

Trata-se de uma ideia repetida várias vezes de modo harmónico mas não monótono, cujo objectivo é a memorização e a interiorização. Encontra-se com muita frequência nos chamados Salmos de Saída.

Nos Salmos é frequente encontrar paralelismos de diferente natureza:

paralelismo sinonímico, como em Sl 6,2, que consiste na repetição de uma ideia por palavras diferentes, com o objectivo de criar ondas sucessivas que aprofundam essa mesma ideia;

paralelismo antitético, como em Sl 1,6; é o reforço de uma ideia com palavras antagónicas;

paralelismo sintético, ou seja a ideia vai-se completando, deixando-se engravidar pelo Salmo, como em Sl 19,8;

paralelismo ascendente, a repetição duma palavra-chave com o objectivo de sugerir o reconhecimento do poder de Deus em crescendo, como em Sl

29, 1 -2 ou em Sl 121, onde a palavra-chave é repetida 6 vezes, usando termos como: guardar, cuidar, ajudar, proteger ...

c) – Ritornelli

São repetições que têm por objectivo criar um diálogo interior. São exemplos desta regra os Salmos 42,6-12; 43,5; 46,8-12; 57,6-12 e 67,4-6.

d) – Composição alfabética

Trata-se de um acróstico composto pelas 22 letras do alfabeto hebraico. Serve de exemplo o Salmo 119 que tem 22 estrofes de oito versos em que a primeira palavra de cada um desses 8 dísticos utiliza, sucessivamente, as letras deste alfabeto, num total de 176 versos.

Em cada uma das estrofes aparece uma palavra sinónima: lei, ensinamento, via, preceitos, decretos, mandamentos, juízos, palavra, vontade, promessa, testemunho. É o Salmo da Escuta da Torah (luz, ensinamento)

Em síntese, podemos dizer que existe uma “filigrana” nos Salmos, que convida à interiorização e que, para tal, o salmista recorre a diferentes meios: repetições (Sl 42,6; Sl 43,5); repetição de palavras-chave (Sl 121); composição alfabética (Sl 119). São Salmos de Ensinamento da Torah e da resposta que o Homem deve dar a Deus. Veja-se o Salmo 118 e os sinónimos que lembram a Lei. Tudo no interior do mesmo Salmo, composto a partir de cada uma das 22 letras do alfabeto hebraico, o que indica a centralidade da Palavra de Deus: A Torah contém toda a Palavra de Deus e a resposta do Homem.

Os Salmos servem-se de uma linguagem simbólica. Entrar nos Salmos é entrar numa floresta de símbolos. O símbolo transporta-nos para outra realidade. Por exemplo: *O Senhor é minha rocha* ou *O Senhor é minha luz* são expressões que nos transportam de uma realidade física para a transcendência, e para o mistério.

Neste contexto dos símbolos, é de realçar o facto de que não existem referências ao mar, pois este, para os hebreus, era uma ameaça. Os registos simbólicos falam da intimidade do orante, falam da caça, do mundo animal e vegetal, do túmulo, usam até a linguagem violenta.

A linguagem dos Salmos tem alguma analogia com as parábolas de que Jesus se serve na sua pregação. Querem levar pela mão o leitor/a ao encontro de uma verdade oculta.

O Saltério, sendo embora uma composição de textos poéticos de diferentes épocas e, seguramente, de autores distintos, tem, contudo, uma unidade que lhe foi dada pelo editor. É um livro de orações que pode ser transportado pelo crente para o inspirar na sua oração. Cf. At 1,20).

Hoje, rezamos os Salmos, um de cada vez; não vemos o Saltério como um livro com uma unidade e coerência. Na antiguidade antes de Cristo, a leitura do Saltério era contínua. Os Hassidim eram uma espécie de santuário portátil de oração permanente.

4. Como se formou o Saltério?

Na formação do Saltério há que distinguir 4 fases:

1ª fase - composição;

2ª fase - junção de vários Salmos para criar uma colecção;

3ª fase - organização de várias colecções para formar uma unidade (os Salmos de Súplica, por exemplo);

4ª fase - edição final que lhe deu a lógica actual.

Embora de datação difícil, o Saltério tem uma importância comparável à Torah e é curioso verificar que também comporta 5 partes em analogia com os 5 livros da Torah. Todos os livros do Saltério terminam com uma doxologia, (como em Sl 89,13 ou as bem-aventuranças em Sl 89,6.) e dispõem-se da seguinte forma:

- 1º livro – Sl 1 ao Sl 41

- 2º livro – Sl 42 ao Sl 72
- 3º livro – Sl 73 ao Sl 89
- 4º livro – Sl 90 a Sl 106
- 5º livro – Sl 107 a Sl 150

5. Géneros literários dos Salmos

Veremos de seguida alguns exemplos de diferentes géneros literários.

Salmos de Súplica Individual

Este conjunto de Salmos evoca a situação de quem se encontra numa qualquer aflição (doença, perigo, proximidade da morte) e tem a tentação de pensar que Deus se esqueceu dele e não intervém.

O salmista é levado a interrogar-se sobre a sua própria culpa. Por isso, estes Salmos são acompanhados de ritos penitenciais. O orante dirige-se ao templo, expõe a sua situação ao sacerdote e espera um oráculo.

Veja-se o Sl 22 e a mudança de tom que ocorre com a intervenção de um sacerdote que pronuncia um oráculo. Nos primeiros 22 versículos, o registo é de mera súplica. A partir do fim do versículo 23, o tom suplicante muda radicalmente e torna-se num tom de louvor. No texto original hebraico, uma frase explica esta mudança: *Tu me deste a resposta*, a contrastar com essa outra exclamação: *Eu grito e não me respondes*. Talvez o sacerdote tenha dado uma resposta e o cenário espiritual tenha mudado...

Nos Salmos de súplica individual, encontramos as seguintes grandes linhas de orientação:

- um momento introdutório em que o homem se volta para Deus e invoca o seu Nome;
- a exposição de motivos gerais de súplica: *tem piedade de mim* ou *vem, Senhor, curar-me*;

- o orante apresenta-se a si mesmo como suplicante e faz um pedido genérico (Sl 28,2) e depois expõe o motivo mais específico da sua súplica (rezar exige o conhecimento de si próprio);
- seguem-se pedidos particulares (por exemplo o pedido do pecador que quer ser perdoado);
- a recordação dos motivos que devem levar Deus a intervir (a sua bondade; o seu amor) e tentativa de persuadir Deus para que intervenha (*se eu morrer não Te louvarei mais*);
- uma conclusão: a certeza do salmista de que será ouvido ou então uma promessa de que irá fazer sacrifícios.

O esquema atrás esboçado não é uma grelha rigorosa de leitura, é apenas indicativo de um percurso espiritual que se reflecte na gramática dos Salmos de súplica individual.

Salmos de Súplica Colectiva

A estrutura destes Salmos é semelhante aquela que mencionamos para os Salmos de súplica individual. Neste caso, porém, o sujeito é colectivo, um povo; é a comunidade que se exprime diante de Deus, em caso de sofrimento, catástrofe, doença ou morte.

Estes Salmos eram cantados no contexto da liturgia e acompanhados com gestos penitenciais: cobrir-se de cinzas, jejuar, rasgar as vestes...

No Sl 60,3, por exemplo, invoca-se, uma situação de catástrofe, visto que na época em que este Salmo foi composto a doença era considerada um castigo e interpretada como uma mensagem de aviso de Deus.

Neste Salmo, a comunidade faz a experiência do silêncio de Deus. Diante da provação, Deus não responde, Deus não intervém.

O salmista pode sempre recordar-se da acção salvífica de Deus no passado e por isso insiste na sua súplica: *Escuta-nos. Vem salvar-nos* (Sl 80,3). Recorre à

metáfora da transplantação da árvore para exclamar: *hoje não vemos a tua intervenção, mas temos confiança em Ti, por causa da tua acção passada.* Fundamos a nossa fé na memória que traz confiança e esperança no futuro.

Salmos Penitenciais

Neste conjunto de Salmos, a Igreja latina tem dado grande relevo ao Salmo 51 (rezado em Laudes de cada sexta-feira) e a Igreja ortodoxa reza-o diariamente.

É a oração de alguém que reconhece ter pecado. Trata-se de um crente, pois só um crente se reconhece como pecador ou seja sabe ler o mal como um pecado, uma ferida feita ao amor fiel de Deus. O pecado é uma prova de fé em que todo o crente atravessa necessariamente três etapas: a experiência do pecado, a da graça e a da salvação. É o que também nos recorda o Cântico do *Benedictus* (Lc 1,77): a consciência da salvação pela remissão dos nossos pecados.

Na tradição Ocidental, este Salmo 51 faz parte dos Salmos penitenciais que o penitente reza quando se confessa.

O Salmo 51 é um Salmo penitencial por excelência que faz parte dum conjunto de 7 Salmos que inclui, além dele, os Salmos 6,32,38, 102, 130 e 143.

No Salmo 51, o orante declara que quer ser purificado *Reconheço a minha iniquidade, o meu pecado está sempre diante de mim...* Não se desculpa, mas antes percorre a sua história pessoal para concluir que o pecado sempre o acompanhou e agora quer libertar-se dele.

Tem-se atribuído este Salmo a David (lembrando a sua relação com Bersabé, a mulher de um dos seus oficiais, Urias), mas a exegese bíblica não o permite. O Salmo 51 terá sido escrito no exílio ou no pós-exílio.

Apesar de ser pecador e de levar uma vida desgraçada, David é uma figura simbólica, tanto no Antigo Testamento como no Novo, pois foi aquele que

melhor soube amar a Deus apesar de ser um miserável pecador. Para a história da salvação, o que conta não são manequins de perfeição, mas os homens e as mulheres concretos.

O Sl 51,3 – *tem piedade de mim, Senhor, apaga a minha iniquidade*) é um texto em consonância com Ex 34,6 em que o Deus que aqui se revela ao homem é um Deus disposto a perdoar; é revelação ao homem concreto que, certamente, peca.

O pecado é visto como uma desobediência a Deus à qual chamamos culpa. O pecado é falhar o alvo e é tido como um fracasso na relação do homem com Deus. Quando o reconhece, o homem crente mergulha no amor de Deus. Reconhece que o pecado não é um episódio, mas sim uma história em que ele descobre que é capaz de um mal que não queria, mas que acaba por fazer. Depois, coloca-se, realisticamente, diante de Deus e toma consciência que o seu pecado não é apenas um episódio, é um drama que o acompanha desde a concepção.

O verdadeiro crente tem a coragem de fugir ao mecanismo da auto-justificação, da desculpa, pois sabe que Deus conhece o seu íntimo (Sl 51, 8). O pecado é fragilidade, mas é também uma força que implica o homem. Embora tendamos para a auto-justificação, assumir a nossa responsabilidade é sinal de maturidade. Na experiência cristã, reconhecer o pecado é já uma graça concedida pelo Espírito Santo.

Nos versículos seguintes, fazem-se várias invocações. É nos versículos 12 a 14 que reside o centro espiritual: a conversão pela acção de Deus que dá um coração firme, um espírito renovado. É a experiência da passagem do pecado à graça (Sl 51,15). É a esperança de que os pecadores voltarão para o Senhor. *Senhor, abre os meus lábios e cantarei o teu louvor* (Sl 51,17).

A conversão leva a um aprofundamento no conhecimento de Deus. Deus não quer holocaustos nem sacrifícios, mas um espírito penitente (S 51,18-19).

A partir do versículo 20, há uma mudança de coordenadas – a oração é uma oração por Jerusalém, a Cidade Santa destruída e que levou o Povo ao exílio. O orante revela a sintonia da ruína da sua alma com a ruína do Povo, pondo em evidência que o pecado individual (o meu pecado) tem sempre repercussão sobre os outros; o pecado que habita em mim mina a verdade das relações com os outros. Analogamente, o arrependimento pessoal torna-se sacrifício agradável a Deus e dispensa outros sacrifícios substitutivos. O arrependimento é a via de acesso à verdade. O arrependimento conduz à procura da fé.

A nova aliança de que fala Jeremias é um acto gratuito de Deus (Jr 31,31-34). O Salmo 51 completa a afirmação escatológica do profeta: o que obsta ao cumprimento da Aliança é o pecado dos homens.

Os profetas são os primeiros a darem-se conta de que só um acto capaz de renovar o coração do homem (o centro da pessoa humana, a sede da inteligência e da vontade humanas), só um coração recriado e novo pode ser obediente à Aliança, mas é preciso o pecado para haver perdão. E onde está o perdão está o Reino de Deus. Só o perdão permite o cumprimento da Aliança.

A morte de Cristo na Cruz (Cf. Ro 5, ...) manifesta o amor fiel de Deus por nós enquanto pecadores. Na morte de Cristo, nós já fomos perdoados. Por isso, o perdão precede o arrependimento. A oração do cristão não é mais uma experiência religiosa, mas sim um acto de escuta e de reconhecimento do perdão de Deus e do seu Amor.

Salmos de Confiança

Os Salmos de confiança são doces, românticos e muito exigentes; requerem o abandono na fé, não colocar a confiança senão em Deus e não em qualquer grandeza humana (armas, espadas, riquezas, tesouros vários).

Os Salmos ajudam-nos a aprender a rezar e a fazer da nossa oração uma experiência de fé e de abandono filial. Veja-se o vocabulário recorrente nos Salmos 23,4; 6; 49,16):

- O Senhor não abandona nunca, nem na hora da morte;
- Habitar na casa do Senhor;
- Morar à sombra de Deus;
- Encontrar repouso em Deus;
- Confiança face à morte: *mesmo que caminhe entre vales tenebrosos...* (Sl 23,4); ou: *Tu não me entregarás à morada dos mortos* (Sl 16,10);
- Confiança em Deus que é fiel à Aliança;
- Confiança em Deus que acolhe aquele que morre. Começa a desenhar-se uma fé na ressurreição baseada na confiança em Deus que é fiel à Aliança.

Estes Salmos são exigentes do ponto de vista espiritual, pois implicam um caminho de despojamento e entrega ao essencial – colocar a própria vida no Senhor. Um bom exemplo pode encontrar-se no Sl 23 – *O Senhor é meu pastor*.

Neste Salmo, unem-se duas imagens: uma, a do pastor (versículos 1 - 4), o pastor que cuida do rebanho, leva-o por caminhos justos, evita que se tresmalhe e caia na boca das feras, dá-lhe de beber, dá-lhe repouso, alimenta-o em prados verdes e águas tranquilas, guia-o pela luz e evita as trevas; e uma outra imagem que é a do anfitrião que abriga aquele que está em perigo no deserto e condenado à morte se não tiver abrigo na tenda do beduíno. Por isso o anfitrião acolhe-o na sua tenda, respeita o dever sagrado da hospitalidade, dá de comer ao hóspede, abriga-o e protege-o diante dos olhos do inimigo. Os perseguidores param e deixam-no em paz em nome da lei sagrada da hospitalidade. São estes os gestos de acolher.

Sl 23, 5 – refere gestos típicos do acolhimento no Médio Oriente: unção da cabeça, dar de beber, dar de comer. São imagens que exprimem o cuidado;

Sl 23, 6 – o orante deixa de lado as imagens do pastor e do anfitrião e volta-se para o essencial, exprimindo confiança no futuro: *Tu não me abandonarás, mas eu viverei contigo e Tu comigo*. Expressa o que está a viver a nível espiritual quando diz: *é a tua fidelidade que me acompanha em toda a minha vida*. Exprime um sentimento que atravessa toda a sua existência.

Trata-se dum Salmo que pode ser lido como uma profecia que diz respeito a Cristo: Cristo é o verdadeiro pastor e o hospedeiro. (Cf. a parábola da multiplicação dos pães e dos peixes).

O Salmo 23 faz referência ao mistério cristológico, confirmado pelo próprio Jesus quando diz: *Eu sou o bom Pastor* (Jo 10, ...). É ele que dá a vida pelo rebanho. Dá a vida pelas suas ovelhas morrendo na Cruz. Não admira que este Salmo seja usado na tradição da Igreja como um Salmo de iniciação à fé cristã e seja cantado na liturgia pascal no momento do batismo dos catecúmenos. É um Salmo com dimensão sacramental: estabelece uma relação entre o batismo e a eucaristia.

É assim desde os primeiros tempos da Igreja, como se pode ver nas pinturas deixadas nas catacumbas onde é frequente a imagem do pastor que leva uma ovelha às costas, a significar que o Senhor nos leva ao colo no momento da morte.

Hinos

Os Salmos 19,135 e 136 são bons exemplos de hinos.

Estes Salmos apresentam uma estrutura simples: uma introdução, um motivo do louvor e uma acção de graças.

A introdução é um convite a louvar a Deus dirigido à assembleia ou ao próprio orante.

Na segunda parte, define-se o motivo do louvor: *louvai o Senhor porque Ele é bom*.

Na terceira etapa, há o retorno ao convite que sintetiza o corpo do Salmo.

Veja-se, por exemplo, o Salmo 19. Neste Salmo, na primeira parte, o salmista refere-se à Criação (v. 2-7). Depois da introdução, segue-se o tema central – a

Lei e a Palavra de Deus (v.8-15). São temáticas distintas mas que têm uma unidade entre ambas:

- Os céus, a natureza e a Criação falam de Deus; a Torah também fala de Deus. Ambas anunciam algo de Deus. Assim como a natureza anuncia a glória de Deus, também a lei do Senhor alarga os pulmões, a respiração, torna o rosto do crente luminoso.
- A Palavra, que é discernimento, permite o efeito de saborear a Lei. O efeito espiritual é provocado pelo louvor da natureza e da Criação e o efeito corpóreo é provocado pela lei e pela Palavra, criando-se assim um processo dinâmico e, simultaneamente, de unidade.
- como o sol ilumina e aquece, assim a palavra do Senhor torna sábios os simples e a Torah deve ser saboreada.
- O salmista afirma que existe uma linguagem não verbal em toda a criação. A partir da Criação, pode-se saber algo acerca de Deus. É uma linguagem sem som, mas universal. O sol, em particular, permite essa comunicação: ele é um guerreiro que, no auge da sua beleza e força sai do quarto nupcial e percorre alegre o seu caminho.
- O orante fala da Torah, a Lei, que coloca ordem na linguagem da Criação e a torna acessível para todos. Veja-se, por exemplo, o Sl 19,12.
- A tua lei é perfeita, reconhece o salmista, mas não sou capaz de a observar, não consigo cumpri-la, nem sequer conheço o meu pecado.
- No Sl 19, 13, diz-se: *absolve-me dos meus pecados que não vejo, preserva-me do orgulho*. O v.15 é a chave da unidade de todo o Salmo quando o salmista exclama: *acolhe a palavra da minha boca... Tu és a minha rocha e o meu Redentor (o meu Goel)*.
- Uma leitura cristã deste Salmo permite contemplar a Criação como contendo em si mesma, um louvor a Deus e ver nela uma narração da grandeza de Deus. Permite declinar a nossa fé com uma dimensão cósmica. Permite a comunhão com as pessoas mas também com as plantas, com os animais e com todos os seres, numa atitude de agradecimento e contemplação.

Salmos de Agradecimento

Estes Salmos referem-se a situações ou acontecimentos precisos que o orante agradece. Podem ser de carácter individual ou colectivo. São exemplos o Salmo 66 e o Salmo 30.

Por vezes reflectem o contexto litúrgico em que eram rezados. O Salmo 66,16, rezado em contexto litúrgico é, manifestamente, um Salmo de acção de graças pela libertação experimentada colectivamente.

Em outros Salmos, existem outros motivos, como no Salmo 30 que é também um Salmo de referência à Páscoa.

Nestes Salmos de agradecimento também é frequente estar presente a dialéctica morte – vida e a polaridade de sentimentos (*mudaste o meu lamento em dança*, Sl 30,12).

Salmos de Sião ou de Jerusalém

São Salmos que celebram a Cidade Santa porque nela está o templo e este é tido como o lugar de habitação de Deus. Celebra-se a intervenção de Deus: Deus protege Jerusalém com intervenção prodigiosa.

Estes Salmos surgem num contexto histórico (investida da armada assíria de Senaqueribe sobre a costa israelita).

Veja-se o Salmo 48, um Salmo que celebra a salvação de Jerusalém, a Cidade santa elevada sobre as suas colinas. O salmista fala de força, robustez, de um exército que se aproxima mas foge. Em outro passo, Jerusalém é tida como a alegria de toda a terra.

Em muitos casos deparamos com motivos mitológicos. Por exemplo: a montanha como morada de Deus; o umbigo do mundo.

Também encontramos elementos historizados: Deus nos seus palácios revelou-se um baluarte, o que evoca um acontecimento histórico, um acontecimento do ano 70 aC em que a armada de Senaqueribe sitiou Jerusalém e foi derrotada.

Na releitura de fé deste acontecimento, Israel considera-o como protecção de Deus (dores de parto e ventos de leste). *Como nos foi dito, assim o vimos* – experiência fundamental do crente que a passa às gerações seguintes sem acrescentar nada. Em Sl 48,10, referência a essa experiência pessoal do crente que a passa como um tesouro, numa cadeia de transmissão da fé.

Trata-se de a acolher em profundidade. (cf. Lc 2,17 – reacção semelhante dos pastores diante da notícia do nascimento de Jesus. Foi depois de terem visto e confirmado a mensagem dos anjos que partiram a anunciar o nascimento de Jesus).

No Sl 48, 10 também se diz, depois de narrar as maravilhas de Deus há que contá-las às gerações futuras: este é o nosso Deus eterno e para sempre. É a cadeia da transmissão da fé baseada no tríptico: *como nos disseram, assim vimos e anunciamos*.

Também o Sl 87 é um bom exemplo dos Salmos de Sião. É um Salmo breve, complexo, mas muito belo, um Salmo construído sobre a imagem do recenseamento em que Jerusalém é apresentada como a preferida de Deus que é o seu arquitecto. Jerusalém é a cidade de Deus. Neste Salmo se escreve: *Cada um nasceu em Sião* (v.4); *o Senhor a firmou* (v.5); *todas as minhas fontes estão em ti* (v.7).

Trata-se de um Salmo construído sobre a imagem de um recenseamento, para dizer que Deus privilegiou Jerusalém em relação às demais cidades. Ele é o seu arquitecto. Ele é o fundador da cidade de Deus e dela se dizem coisas maravilhosas. (Sl 87,3).

No v. 4, Deus apresenta-se como aquele que regista imagens personalizadas dos povos que vêm inscrever-se em Jerusalém para afastar os que durante o exílio se tinham misturado e punham em causa a pureza do sangue. O recenseamento era, então, usado como forma de exclusão.

É um Salmo escrito no pós-exílio e reflecte o universalismo, opondo-se a uma certa tradição xenófoba (*todos os povos nasceram em Jerusalém*),

No v.5 é o grande louvor que explode: Jerusalém é celebrada como a Mãe de todos os povos, a mãe de Sião (cf. a referência da epístola aos Gálatas à Jerusalém do Alto e à Jerusalém celeste).

No v.6 diz-se que é o próprio Deus que escreve no registo dos povos: *esta também lá nasceu*.

Termina o Salmo com um reconhecimento universal: *Todas as minhas fontes estão em ti*, referenciando assim a origem universal de todos os povos da terra.

O Salmo 87 é considerado, pela tradição cristã, como um Salmo escatológico, pois aponta para a Jerusalém do alto onde todos os povos se hão de encontrar.

Em Ap 21,3, fala-se de uma outra imagem – a tenda de Deus com os homens; Deus será o seu Deus. Aí, a palavra povo é substituída por povos. Assumindo as diferenças de todos povos diante de Deus, o Senhor a todos acolhe como seus filhos.

A Aliança que Deus estabeleceu com Jerusalém faz-se agora com todos os povos; as diferenças serão assumidas e Deus será o Deus de todos os povos.

Salmos do Reino, Salmos de Deus-Rei

São Salmos muito semelhantes entre si, hinos que celebram a realeza de Deus universal sobre todo o cosmos, que se estende a todos os povos. São cânticos

usados numa liturgia que incluía uma procissão com a Arca, símbolo da presença de Deus no meio do seu povo.

O Senhor é Rei (Adonai; Malak) – uma aclamação que se repete e que é convite ao louvor.

Como é que Deus é rei? Cf. SL 93, 1-2

A partir da Criação (a separação das águas da terra firme; separação das trevas e da luz, ...), mas também por toda a história da salvação – da escravidão à liberdade.

O Sl 93,1-2 exprime ideia semelhante: mas a partir do reconhecimento de que Deus se revela poderoso, *o Senhor reina e reveste-se de majestade* (v.1), Deus reina desde o momento da Criação e durante a história de Israel guardando o seu povo até à salvação.

Este Salmo fala da manifestação do poder de Deus. Nos v. 3-4 encontramos a regra do paralelismo ascendente: o Senhor é mais poderoso que a própria morte.

No Salmo 98,1-2, Deus aparece como poderoso e interventor na história do Povo. Em Sl 98, 9 introduz-se novo elemento: a imagem do Senhor que vem para julgar e governar e para instaurar a verdadeira realidade: a salvação para sempre e para todos.

Estes Salmos são importantes porque foram rezados durante séculos pelo povo de Israel e alimentaram a sua esperança na vinda do reino de Deus. Foram apropriados pelo Novo Testamento com o entendimento de que o Reino de Deus já chegou. O Reino de Deus é Jesus Cristo. É o próprio Jesus que o declara.

Estes Salmos abrem o nosso coração à esperança dum reino que se cumpre mas que ainda espera que o mal, que continua a devastar a vida do mundo, será remido por Deus.

Salmos Imprecatórios

São os mais difíceis de rezar! Muitos destes Salmos têm, frequentemente, expressões de grande violência e por isso são designados de imprecatórios. São rezados por alguém ou por um povo que pede a intervenção castigadora de Deus. Do ponto de vista literário, são súplica perante alguma ameaça à vida pessoal ou para a vida do povo.

O salmista grita a sua raiva e, consciente da sua impotência diante do adversário, pede a Deus que faça justiça. Pede, inclusivamente, que Deus destrua o inimigo, o que levanta problema à oração dos cristãos. Com efeito, como conciliar esta linguagem com o preceito do amor que deve estender-se aos próprios inimigos? Como pode um cristão rezar estes Salmos já que tem Jesus como modelo, Ele que, nem na cruz, invocou o castigo contra os seus adversários, mas antes os perdoou?

A dificuldade é ainda maior quando deparamos com alguns versículos que aparecem citados no NT. Acresce que alguns destes Salmos têm uma profecia escatológica. Veja-se Lc 24: *é preciso que tudo se cumpra, a Lei e os Salmos.*

A Igreja, por seu turno, manteve a totalidade destes Salmos, reconhecendo, embora, que eles levantam problemas à oração litúrgica. É, pois, uma tradição bimilenar que o Concílio Vaticano II reconhece, ainda que durante o Concílio alguns padres conciliares tivessem apresentado propostas no sentido da sua eliminação. Durante esse debate, foi constituída uma comissão especializada que se manifestou no sentido da integridade do Saltério, tendo dado à assembleia eclesial a possibilidade de os substituir de acordo com a sua maturidade. Imprimiu-se, assim, o Saltério mantendo caracteres diferentes no que é imprecatório e permitindo a sua substituição. Em 1968, Paulo VI decidiu eliminar do Saltério litúrgico católico todos estes Salmos imprecatórios ou

algumas das suas estrofes mais contundentes, alegando que tal decisão tinha por base razões de ordem psicológica e não teológica.¹

Nos anos 60 e 70 do século XX, houve um amplo debate sobre esta questão nas revistas da especialidade.

O problema não diz respeito apenas aos Salmos ditos imprecatórios; é problema de toda a Escritura, mormente em relação aos textos com carácter poético em que o recurso às imagens está muito dependente da cultura da época, o que coloca problemas difíceis de tradução. Veja-se, por exemplo, o Apocalipse (cap. 17 e 18) e as referências que nesse livro se fazem à violência.

Os textos lidos isoladamente fazem correr muito sangue, e muita violência é colocada na boca dos justos. Contudo, se tomarmos a Bíblia no seu conjunto, o que ressalta é o caminho por que se chega à formulação de ideias e conceitos relativos à esperança libertadora de toda e qualquer violência. Veja-se o exemplo daqueles que na Bíblia apelam à não-violência, como Isaías e Miqueias. *Os homens transformarão as suas armas em instrumentos de trabalho* (Is 2,4).

Podemos dizer que alguns autores da Bíblia têm a coragem de desmascarar a violência. Para tanto, há que olhá-la de frente e nomeá-la, ousar dizer a violência diante de Israel. Como David, ter a coragem de dizer que a violência é um grande pecado. Para sair do círculo da violência, é preciso olhá-la de frente e é isso que o salmista faz nestes Salmos imprecatórios.

Israel percorreu um caminho muito difícil para encontrar uma saída para a violência. Não é de estranhar que toda a Bíblia seja também uma narrativa de luta entre o bem e o mal.

¹ Cabe notar que só com a tradução da Bíblia para as línguas nacionais é que as pessoas passaram a perceber o que lá se dizia, pois antes rezavam em latim.

Sair da sacralização não era um caminho fácil no Médio Oriente Antigo onde todos os gestos públicos eram sagrados. Os textos bíblicos fizeram um caminho penoso para se libertarem da violência sobretudo nos textos proféticos.

Nos Salmos imprecatórios há um colorido muito especial, com recurso a formas redundantes e imagens expressivas muito fortes. Por exemplo: *Ó Deus partelhes* (aos inimigos) *os dentes!* (Sl 58,7). É uma forma poética excessiva tanto quanto é pesada a injustiça que o pobre sente. São palavras violentas, frequentes na boca dos pobres, quando estes não têm ao seu dispor outras armas senão o seu próprio grito: Que Deus faça justiça! É uma oração que se dirige a Deus, um pedido para que faça Ele justiça. Como a dizer: “eu, o pobre e o oprimido, não intervenho, mas tu, ó Deus, faz com que o abusador desapareça, faz justiça Tu próprio”.

Paradoxalmente, são Salmos de não-violência. O salmista reconhece o trágico e dramático que é a situação de violência, mas prescinde de agir pelos seus próprios meios, confiando isso a Deus.

Os Salmos imprecatórios santificam a não-violência (cf. Livro dos Macabeus, escrito 2 séculos antes de Cristo). Os orantes que os rezam são exigentes, não se habituem ao mal, não dizem: “assim vai o mundo e não se pode mudar nada”; pelo contrário, sentem-se chamados á indignação, ao escândalo. O seu grito é a Deus: o mal está aí, faz justiça ... faça-se a tua vontade e não a dos ímpios.

Quem reza os Salmos imprecatórios é chamado/a a gritar contra a injustiça; reconhecendo que este mundo não está redimido, implora-se que não se faça a vontade dos ímpios. Os Salmos imprecatórios comprometem os crentes historicamente e escatologicamente: venha o teu reino – a esperança de um mundo em que reine a justiça.

Um dos motivos por que estes Salmos repugnam à nossa sensibilidade é a linguagem usada pelo salmista, típica da poética semítica, que é forte e

colorida (ex.: *raça de víboras*, expressão usada por Jesus ou *odiar pai e mãe*, expressão semítica usada para estabelecer prioridades).

O mesmo se passa afinal com outros textos do Novo Testamento, onde Jesus recorre a hipérboles quando quer realçar alguma ideia ou acontecimento (cf. Lc 14, 26 (*sepulcros caiados de branco* ou, ainda, *quem quiser ser meu discípulo negue-se a si mesmo*)).

Vejam alguns exemplos deste tipo de expressões nos Salmos imprecatórios:

Sl 58,7 – Quando o orante afirma *Senhor, parte-lhe os dentes todos*, trata-se da orientação das emoções para Deus, uma vez que esta imprecção é contra os juízes corruptos que não fazem justiça. O orante expõe a sua fragilidade e a sua indignação e pede a Deus que faça justiça.

Todo o Sl 83 é uma imprecção contra os povos inimigos que entre si formaram uma aliança para destruir Israel (o salmista grita: *faz que eles desapareçam!*). O orante pede a Deus a eliminação dos inimigos, afastando-os também da salvação. O orante quer que Deus elimine estes obstáculos. Em rigor, estas imprecções têm, como já se disse, carácter escatológico – que Deus faça desaparecer o mal sobre a terra. Uma tal aspiração compreende-se melhor quando inserida na história da salvação.

Veja-se o Sl 137, 8-9, onde temos uma imagem terrível da guerra aplicada à Babilónia, o símbolo do mal, do medo, do poder totalitário do mal por excelência. O mesmo se aplica à figura imperial de Roma que combate Israel e opõe-se à libertação do povo de Israel. Este seu poder opõe-se ao desígnio de Deus. Neste contexto, o salmista grita a Deus para que destrua o mal nas suas raízes (*esmaga as crianças de peito contra a rocha*, v.9). Babilónia e Roma são apresentadas como cidades simbólicas que se opõem aos desígnios de Deus. Esta linguagem só pode ser entendida no sentido alegórico e espiritual. Comentando este Salmo, Orígenes escreve: *o cristão é chamado a extirpar o mal desde a sua origem*.

Se estes Salmos têm uma dimensão escatológica, também têm alguma coisa a dizer-nos acerca de Cristo. Veja-se o Salmo 40,15-16 onde se fala de vergonha e confusão sobre a morte do maldito de Deus na cruz. Jesus morre no lugar sem Deus – lugar ateu.

A maldição está associada à teologia da Cruz. Cf. Gl 3,13 ou II Co 5,21. Os Salmos imprecatórios são profecia da paixão e morte de Cristo. De facto, a morte de Cristo não é a morte de um mártir, mas de um maldito; é um lugar ateu onde Jesus morre na nudez e sem dignidade. Ele, o justo, é o maldito de Deus, o castigado.

O Sl 68 é um Salmo difícil, com recurso a elementos muito coloridos e arcaicos e que teve um longo processo redacional (uma leitura dos acontecimentos, em tempo real e pós-exílico). Refere o gesto do guerreiro que esmaga com os pés os vencidos, como era usual na época. O salmista fala de Deus com a linguagem do seu quotidiano. O que quer ressaltar é a vitória absoluta de Deus sobre os inimigos, inimigos de Deus e inimigos do seu povo, Israel. É esta a leitura que fazem os Padres da Igreja. Por exemplo, santo Agostinho quando diz: o salmista está mais a profetizar do que a maldizer o guerreiro inimigo.

Os Salmos imprecatórios são cânticos da misericórdia de Deus.

Os Salmos das Subidas

É um conjunto de 15 Salmos, todos seguidos no Saltério (Sl 120-134). Têm em comum o mesmo título: Cântico das subidas. Referem-se à peregrinação a Jerusalém, ao cimo do monte.

Alguns autores crêem que estes Salmos das subidas eram Salmos que acompanharam o retorno do exílio.

São Salmos com diferentes estilos literários. São todos Salmos breves, com excepção para o Salmo 132 que tem um cunho particular nesta colecção.

Nestes Salmos há uma palavra-chave que é repetida e dá o tom teológico e espiritual do Salmo. Trata-se de reconstituir o itinerário desenhado para a peregrinação, o itinerário concreto, mas sobretudo o itinerário espiritual.

O SI 120 começa por se referir aos preparativos da peregrinação. O sujeito é um crente israelita que vive na diáspora. Para qualquer emigrante, a peregrinação a Jerusalém assume grande importância, algo que acontece uma ou raras vezes na sua vida. O salmista exprime a dificuldade de viver no estrangeiro (SI 120,5-7); refere tribos de beduínos, o que significa que saiu do seu contexto sociopolítico e passou a ser universal.

O SI 121 começa com *Senhor abre os meus olhos* (v.1) e continua nos versículos seguintes (v. 3-8) mostrando que estamos diante de uma bênção prometida pelo sacerdote que abençoa a caravana que parte em peregrinação. Nela se invoca a protecção de Deus para toda a viagem.

O SI 122 refere-se à chegada a Jerusalém, o termo da viagem e, por isso, o salmista exclama: *ó que alegria quando me disseram vamos para a casa do Senhor*. Surgem então os cânticos de louvor à Cidade santa – símbolo da unidade da fé, lugar onde todos os homens se encontram unidos. Lembram-se também os ausentes que não puderam vir e reza-se pela paz em nome de todo o povo.

O SI 123 contem uma súplica por Jerusalém. Estamos, porventura, no começo do período pós-exílico, quando Jerusalém se está a reerguer, ainda em situação precária e sujeita a divisões internas. Repetem-se as petições e a invocação da piedade de Deus. Jerusalém não pode fracassar porque isso seria factor de desprezo do próprio Deus.

O SI 124 é um Salmo de agradecimento ao Senhor porque a viagem correu bem (*se o Senhor não tivesse estado connosco, ... o Senhor livrou-nos de todos os perigos*. Cf. v.2-3. Voltar-se-á ao mesmo tema no Salmo 128,8 (*A nossa ajuda vem-nos do Senhor*).

O Sl 125 é um Salmo que exprime confiança. O orante medita sobre a fidelidade dos montes sobre os quais está construída a cidade de Jerusalém, símbolo da protecção constante de Deus. O salmista parte desta contemplação para renovar a sua profissão de fé: Deus é fiel ao seu povo hoje e para sempre.

O Sl 126 tem a característica de um ritual referido ao templo, supostamente cantado durante a procissão das oferendas agrícolas que os peregrinos levavam para deixar no templo. É também uma oração de reconhecimento pelos frutos da terra. *O Senhor fez por nós maravilhas* (Sl 126,2-3). Aos que ainda lá estão no exílio, fá-los voltar como a neve (imagem duma mudança radical). Termina com a imagem do sementeiro que à ida vai a chorar levando a semente, mas à volta vem a cantar trazendo os feixes das espigas. É a memória do caminho de libertação que Israel fez.

O Sl 127 refere-se à apresentação dos filhos como o dom mais belo. É um hino de acção de graças pois os filhos são recebidos como dom de Deus.

O Sl 128 fala das bênçãos que os sacerdotes davam aos peregrinos e aos rituais próprios destas bênçãos.

O Sl 129 começa com uma súplica, lembram-se os inimigos e para eles se pede a maldição.

O Sl 130 é um belo Salmo, utilizado na liturgia dos funerais (*De Profundis*). É um Salmo em que se apresenta a Deus uma oferta como sacrifício pelos pecados: os pecados do próprio que se reconhece pecador e por isso pede perdão e invoca a misericórdia de Deus e a redenção. Trata-se de um Salmo com uma clara leitura cristológica: Cristo tornou-se redenção, misericórdia; nele encontramos o perdão para os nossos pecados.

No Sl 131, o salmista apresenta-se como *criança nos braços de sua mãe* (v.2). É um Salmo messiânico; nele se refere o Messias. Compreende-se que esteja incluído nesta colecção porque a renovação da Aliança fazia parte do ritual de cada peregrinação.

Os Sl 133 e Sl 134 são ritos de despedida, a assinalar os últimos gestos de encontro dos irmãos; recordam-se as raízes comuns e canta-se a beleza da fraternidade. É a alegria do reencontro (*o óleo que desce sobre a barba de Aarão* (Sl 13,2), uma imagem da bênção que desce de Deus sobre os peregrinos no seu retorno.

Vale a pena reler estes Salmos à luz dos Salmos 1 e 2, como um itinerário que vai do isolamento à comunhão, da solidão à fraternidade.

O Salmo 134 é a verdadeira despedida, a bênção final do Senhor que fez o céu e a terra. É um Salmo que ainda hoje constitui um apelo forte à viagem espiritual, à ascese e à mística. Trata-se sempre do apelo a ir ao encontro de Deus - foco de toda a vida do crente.

Créditos de Imagem:

**Reprodução da Abertura do Salmo 101
Do Saltério Arundel**

IMAGEM:

© Stapleton Collection/Corbis

DATA DE CRIAÇÃO

ca. 1050-1060

DATA DA FOTOGRAFIA

ca. 2002

FOTÓGRAFO

Philip Spruyt

COLEÇÃO

Historical Picture Library

© Fundação Betânia. 2011
www.fundacao-betania.org